

BAUCAU.
SUA FUNDAÇÃO
E CONQUISTA

São duas lendas bem diferentes, com a particularidade de ambas dizerem respeito a Baucau: uma da sua fundação, outra da sua conquista. Aparece, na primeira lenda, o animal de mais estima dos Timores, a servir de repasto à paternidade esfomeada do seu dono.

Eram três irmãos: um, possuidor de um porco; outro, de um carneiro; o terceiro, de um cão. Certa vez, o pai foi até Cai-Huno, expressão que em uaimá quer dizer «lugar onde se bebe tuaca», a uns 300 metros onde havia de nascer o primeiro lugarejo de Baucau, e esperou aí que os filhos lhe dessem de almoçar.

O mais novo subiu lesto a um aquediro para encher de tuaca as canas de bambu. Os outros dois entraram a cavaquear e a mascar com o pai. Quando chegou o rapaz, ajoujado de tuaca, só então o pai deu conta de que não havia carne em que meter o dente. Logo os dois filhos que com ele estavam se esquivaram a matar o cevado ou o carneiro. Mais uma vez a diligência e a dedicação do filho mais novo salvaram a situação. Ofereceu o seu próprio cão, apesar da grande estima que lhe tinha. E tanto maior foi o seu gesto, de abdicção e amor filial.

Na segunda lenda, aparece o ardil, outra vez o ardil, de um grupo desejoso de tomar Baucau, corajosamente aceite pela superstição dos moradores. Convencidos de que a valentia dos forasteiros provinha dos em garotos, lhes terem furado o crânio e nele espetado penas de catatua, quiseram submeter-se à mesma operação, tal era a vontade de a eles se equipararem em coragem e ardor bélicos, para os vencerem.

Mas eles, matreiros, aproveitando-se do negrume da noite, meteram-lhes pelo toutho adentro uma ponta de ferro bem aguçada. E assim tombaram um a um, esvaindo-se em sangue, e deixaram indefesa Baucau.

HOUVE em tempos um velhote, já viúvo, que tinha três filhos: Uono Lói, o mais velho, Tai Lói, o do meio, e Léqui Lói, o mais novo.

Léqui Lói era um caçador apaixonado e não havia noite que não largasse de casa, com o seu rafeiro, à procura de algum laco (¹) ou outro animal. Mas houve uma noite em que, doente ou cansado do trabalho do dia, o moço se estendeu no *lan-têm* e adormeceu. Dessa vez não saiu.

Na manhã seguinte, o pai, julgando que o filho havia ido à caça como de costume, afastou-se para o sítio de Cai-Huno, e aí aguardou, à semelhança dos outros dias, que os filhos lhe levassem a comida.

Chegaram primeiro os dois filhos mais velhos, também habituados a contar com a caça do irmão. Sentaram-se ao pé do velho, conversaram e mascaram com ele.

Entretanto, Léqui Lói havia trepado a um aquediro e enchera os bambus de *tuaca*.

Vinha ele a chegar, quando o velhote deu fé de que não tinham carne.

— E agora? Temos *tuaca*, mas não temos conduto! — disse o pai.

(¹) Espécie de gato selvagem.

— Bem, eu, cá, tenho um porco, mas está mal medrado!...
— respondeu logo Uono Lói.

— Eu tenho um carneiro. Tenho-o em grande estima, mas posso desfazer-me dele — disse por seu lado Tai Lói.

Já estava a poucos passos Léqui Lói, que ouviu a conversa. Imediatamente interveio:

— Na verdade, melhor é poupar o porco e o carneiro. Abate-se o meu cão.

E, sem mais, pegou de um pau ali caído e acertou violenta pancada na cabeça do animal. E tão forte e certa que ela foi que o cão tombou de uma só vez.

Esfolaram-no, cortaram-no em pedaços e ali mesmo o assaram.

Comeram, beberam. Finda tão lauta refeição, o pai, pensando no caso, dirigiu-se aos filhos:

— De ora em diante, tu, Uono Lói, já que estás tão preso ao teu cevado, ficarás a chamar-te *Ua-Bubo* ⁽²⁾; tu, Tai Lói, passarás a chamar-te *Cai-Uada* ⁽³⁾; e tu, Léqui Lói, chamar-te-ás *Tiri-Lolo* ⁽⁴⁾, que foi o que mostraste ser.

Decorrido algum tempo, faleceu o ancião, e os filhos separaram-se, indo cada um para seu lado. *Ua-Bubo*, o mais velho, foi fixar-se junto de uma nascente e aí constituiu família. Foi a origem da povoação de Baucau. *Cai-Uada*, o segundo, estabeleceu-se mais para ocidente, dando origem ao *suco* de *Cai-Bada*. O mais novo, *Tiri-Lolo*, foi para sudoeste e aí fundou o *suco* que recebeu o seu nome.

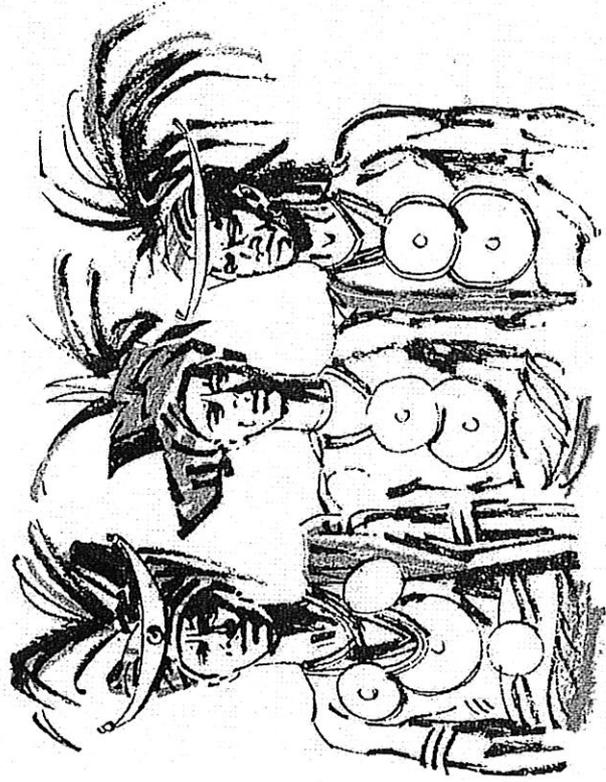
Ua-Bubo, por via do dialecto uaimá, que entrou a ser falado pelos nativos daquela zona, mudou para *Uau-C'au*, nome de onde provém a designação de *Baucau*.

⁽²⁾ Rabo de porco.

⁽³⁾ Indiferente.

⁽⁴⁾ Homem direito, resolutivo.

A CONQUISTA DE BAUCAU



A povoação foi crescendo. Outros aglomerados se formaram depois à volta de Baucau. Em certa altura, eram ao todo seis e envolveram-se em guerra, dois, de um lado, contra quatro, do outro.

Aconteceu que havia em Maca-Dique, para lá dos montes de Matebian, três irmãos.

Certa vez, cada um deles deitou dentro de uma panela cera virgem para derreter. Puseram-na ao fogo. Mas o mais novo teve o cuidado de colocar dentro do seu vaso um pedaço de corda.

Distraíram-se os mais velhos, e, quando se aproximaram da fogueira, ficaram espantados de ver que as suas panelas estavam vazias, ao contrário da do irmão, que tinha a cera coagulada à volta da corda.

Acreditaram, então, que o irmão mais novo tivesse feito qualquer bruxaria ou maroteira parecida. Acusaram-no, zangaram-se, travaram-se de razões uns com os outros, brigaram. O mais novo, porém, foi o que melhor se houve, e ele mesmo, generoso, convenceu os irmãos do ridículo da contenda e de como as coisas se haviam passado.

Envergonhados, os dois irmãos mais velhos propuseram o abandono de Maca-Dique, a fim de esquecerem mais facilmente a bulha havida entre os três.

Assim aconteceu. Dias depois deixaram a terra e dirigiram-se para norte, em busca de uma nascente semelhante à de Maca-Dique. Levaram um porco, um cão, um frango, um fole de ferro. Passaram por Ata-Lia, hoje Fatu-Lia, por Ossuala e chegaram ao planalto de Ossuquéli, onde acharam uma nascente subterrânea, maravilhosa, a de Uai-Nique, a despejar as suas águas nas praias de Cai-Sido. Pelo caminho, outros se juntaram a eles.

Em Baucau, estavam em guerra as seis povoações. Um dos grupos rivais, logo que soube que perto dali estavam acampados uns forasteiros, enviou-lhes uma mulher a oferecer um carneiro e um cabrito e a pedir-lhes ajuda. Acederam eles ao pedido, mas, quanto às oferendas, recusaram-nas, por só quererem a paga depois de prestados os serviços.

Não pensaram os de Baucau que os recém-chegados usassem na guerra de processos tão cruéis, quais eram os de cortar as cabeças dos adversários, de esmiolá-las e defumá-las. E isto numa luta sem tréguas nem quartel.

Com efeito, até então, eram ali desconhecidos tão satânicos costumes. Nem tão-pouco se perseguia o inimigo. Nem lícito era saquear as habitações. Só os pilões, os vasilhames e os vive-res podiam ser apreendidos.

Por isso, a forma de combater dos forasteiros preocupou o próprio partido que lhes tinha solicitado auxílio. E um dos aliados protestou:

— Não queremos uma guerra assim. Não é nem leal nem cavalheiresco decapitar o adversário. Não se conhecem aqui tais usos.

— Pois é assim mesmo que combateremos. Não estamos habituados a outro modo. E, ou nos deixais pelear à nossa maneira, ou, então, vós mesmos tereis de vos haver connosco. E não foi possível demover de hábitos tão ferozes os mercenários.

A guerra foi finalmente ganha pelo seu grupo. E quis ele pagar-lhes generosamente a cooperação: carneiros, cavalos, búfalos, jóias, panaria, escravos sem conta. Mas tudo recusaram. Outra era a compensação desejada:

— Não queremos nem gado, nem ouro, nem escravos. Só exigimos o direito de bebermos daquela água — disse o maioral, apontando para a nascente que brotava cristalina ali a dois passos.

Isso significava que os estrangeiros estavam na disposição de se fixarem definitivamente em Baucau. E não tiveram os antigos moradores coragem ou força para os expulsarem. Não tardaram os recém-vindos a erguer as suas casas. Não havia dúvida: era ali mesmo que ficariam.

Quiseram, então, os primeiros ocupantes saber-lhes do motivo por que usavam penacho na cabeça (*), pensando que era nisso que residia a sua bravura.

— Pois bem. É que, quando éramos miúdos, furaram-nos os crânios e espetaram-nos estas insignias, que nunca mais deixámos de usar. E nelas que reside a nossa força, a nossa valentia. Mas, se quereis ser também guerreiros destemidos, nós vos iniciaremos.

— Queremos, sim! — exclamaram os velhos donos de Baucau, ansiosos de lhes apanharem o segredo para depois os repe-lirem.

— Então, trazei penas de catatua e nós vos tornaremos tão valentes como nós, ou mais ainda.

(*) Penas de catatua, tingidas de amarelo ou vermelho.

Todos aceitaram o convite. Cada estrangeiro tomou à sua conta um filho da terra. Aproveitando a escuridão da noite, os forasteiros cravaram na cabeça dos pobres homens um ferro aguçado. Gritaram de dor tão atroz. Mas os estrangeiros, zombando, procuraram consolá-los:

— A provação é dura, mas resulta. É preciso coragem! A dor já vai acabar! O que é preciso agora é dançar, bailar!

Houve alguns que ainda tentaram os primeiros passos do batuque. Mas logo todos começaram a esvair-se em sangue, tombando no chão, para nunca mais se levantarem. E lá ficaram senhores de Baucau esses terríveis assuais. (°)

(°) CORRÊA, Armando Pinto — *Genio de Timór*, pp. 126-133.